

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA

THIAGO AUGUSTO FEICHUS

**PAULO FREIRE E O PÓS-GOLPE DE 2016: A CONTRACONSCIÊNCIA COMO
INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO**

SÃO PAULO

2020

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA

THIAGO AUGUSTO FEICHUS

**PAULO FREIRE E O PÓS-GOLPE DE 2016: A CONTRACONSCIÊNCIA COMO
INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO**

Trabalho para compor nota final do curso de
História, Sociedade e Cultura, orientado pelo
professor Dr. Claudinei Cássio de Rezende

SÃO PAULO

2020

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar aqui meus mais sinceros agradecimentos a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que ele não acaba nas fronteiras deste texto, mas como todo trabalho é fruto de um anseio, de um questionamento e estranhamentos existentes em nosso cotidiano, e deve continuar a partir das leituras que dele existirem.

Gostaria de deixar aqui em primeiro lugar, um agradecimento a minha esposa Kellen Cristina Martins Sinhoreli Feichus, uma das grandes incentivadoras para que eu conseguisse realizar meu sonho de retomada dos estudos, uma vez que ela abriu mão de muitos dias juntos, finais de semana de estudos, para que eu pudesse com isso realizar aquilo que mais desejava, assim como também minha linda filha Maria Luisa Sinhoreli Feichus, que apesar da tenra idade soube ajudar o papai em seus estudos, brincando ao redor dos livros, cantando e incentivando.

Deixo neste espaço também os meus mais sinceros agradecimentos aos meus pais, Carlos Augusto Feichus e Luzia Mariano de Azevedo Feichus que me apoiaram das mais diversas formas, desde a ajuda com o transporte, o cuidado com minha filha em dias de extrema concentração nos estudos ou mesmo com uma palavra de apoio.

Dedicatória esta que registro aos amigos que a vida se encarregou de me dar, Rodrigo Gasparini, um grande amigo que o curso me proporcionou, um grande professor, de imenso caráter e carinho, tornando as aulas e as trocas de experiências enriquecedoras. Aos meus amigos Felipe Camargo e Gabriela Lopes, da época de graduação que me ajudaram em muitos aspectos durante este curso. Ao meu primeiro incentivador e grande professor Geraldo Titotto, figura notável e de grande valor, responsável por despertar o desejo e amor pela História.

Por último e não menos importante, ao meu orientador Claudinei Cassio Rezende, um grande mestre que tive o prazer de conhecer e admirar, por seu entusiasmo em ensinar, por sua paixão pelo conhecimento e prontidão em ajudar, um homem de grande valor e muita importância para o nosso país, principalmente em decorrência do momento que estamos vivendo.

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	<u>6</u>
<u>Processo antidialógico do Golpe de 2016</u>	<u>6</u>
<u>A arquitetura da desconfiguração educacional</u>	<u>11</u>
<u>A educação como instrumento de dominação</u>	<u>16</u>
<u>Paulo Freire essencial</u>	<u>22</u>
<u>Conclusão</u>	<u>25</u>
<u>Bibliografia</u>	<u>27</u>

RESUMO

O artigo tem como proposta compreender as transformações do modelo educacional, como proposta e metodologia a partir de 2016 e a constante tentativa de um revisionismo histórico que procura reconfigurar a obra e imagem de Paulo Freire como patrono da educação no Brasil. A obra de Freire é de suma importância na configuração de uma educação que intenciona a contraconsciência, na qual a libertação e a identificação do indivíduo como um ser social fazem uma contraposição ao projeto vigente, objetivando carregar a individualização do ser para o cenário da educação, transformando o ensino em mercado.

Palavras-Chave

Paulo Freire, educação, contraconsciência, revisionismo histórico.

ABSTRACT

The article aims to understand the transformations of the educational system, as a proposal and methodology from 2016 on and the constant attempt at a historical revisionism that seeks to reconfigure the work and image of Paulo Freire as a patron of education in Brazil. Freire's work is of great importance in the configuration of an education the seeks the counter-awareness, where the deliverance and identification of the individual as a social being in opposition to the current project that aims to carry the individualization of being to the education scenario, transforming the education into a market.

Key words

Paulo Freire, education, counter-awareness, revisionism.

OBJETIVO

O objetivo do tema proposto é investigar quais foram as intencionalidades inerentes ao golpe político de 2016 em relação à educação e como essa conjuntura pela transnacionalidade do capital remove do campo de debate a obra de Paulo Freire (1921 – 1997) ressignificando sua pedagogia e efetivando uma nova estrutura mercadológica nas escolas, como forma de se moldar o acesso a educação. Além disso, procuramos entender como as estruturas do golpe foram orquestradas através de uma servidão moderna, invisível e ordenadas principalmente pela coordenação ativa da extrema-direita encampando a disseminação de notícias – na maioria das vezes falsas – e controlando ativamente as redes sociais, visando a manipulação e a destruição da imagem do patrono da educação brasileira.

OBJETIVO ESPECÍFICO

O recorte proposto tem como iniciativa interpretar a relação entre o golpe de Estado de 2016, de cunho conservador, evangélico e pelo grande capital, em conjuntura com a atual elite política que procura deturpar as estruturas educacionais de nosso país, atacando de forma mais específica as organizações de esquerda, e até mesmo organizações que não apresentam um viés político de esquerda, mas que são elencadas como tal a fim de corroborar o discurso do golpe. Quais são os sujeitos do golpe e suas intencionalidades na construção de um medo comunista tomando as escolas e as estruturas de nosso país. E compreender como a servidão voluntária, o revisionismo histórico e o poder da ideologia fazem parte desta estrutura que visa deturpar e reordenar o Brasil pós-golpe.

INTRODUÇÃO

O papel da educação deve ser compreendido para além da esfera mercadológica, a sua tarefa primordial deve ser a de transformar, sendo ela a primeira opção para aquele que visa derrubar as barreiras impostas pelo capital e por este mesmo motivo atacada de forma violenta por aqueles que procuram manter o status quo, reificando o instrumento que deveria ser transformação em mero depósito de sujeitos que passam a ser passivos e ordenados para o capital. O real significado da educação deve ser a educação que liberta, nos moldes transformadores, capazes de aderir positivamente nos sujeitos ao ponto de ultrapassarem a barreira da passividade e se perceberem como agentes e com isso preparados para os desafios sociais que lhes são impostos. Paulo Freire foi uma figura de notável valor neste quesito, uma vez que através da sua pedagogia conseguia identificar o sujeito como agente transformador da própria educação, inserindo e transformando não apenas o educando, mas também o educador; de modo que ressignificar Freire é remover todos aqueles que foram transformados pela educação e passaram a identificar não apenas o seu contexto como educando, mas também o seu papel enquanto sujeito na história. Qual o papel da educação? Como pode ela ser libertadora? Como o golpe de 2016 afetou a educação? Por que Paulo Freire é atacado por essa nova direita? São questionamentos que ao longo desta obra notaremos quais foram os anseios que nos levaram a tê-los e como devemos superar essa lógica do capital.

PROCESSO ANTIDIALÓGICO DO GOLPE DE 2016

Neste ensaio pretendemos evidenciar como a política antidialógica¹ do pós-golpe procurou retirar do processo histórico a massa popular, relegando a esta um mero depósito de ideologias resultante do atual sectarismo em que nos encontramos atualmente, para tal resultado foram necessários duros golpes ao processo democrático, assim como o constante ataque a importantes intelectuais como Paulo Freire.

¹ Conceito apresentado por Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, representado como uma ação instrumentalizadora do sistema opressor.

Desta forma, cabe a nós nesta perquirição trabalhar como a obra de Paulo Freire foi colocada como de menor valor por aqueles que procuravam estabelecer um novo jogo de poder e como Freire é mais atual do que nunca e como sua obra consegue com o passar do tempo consegue discernir sobre nosso atual cenário.

Para iniciarmos faz se necessário estabelecermos as relações que levaram o país ao processo de golpe e para isso mostrar que no quarto ano pós-golpe que retirou ilegitimamente a então presidente Dilma Rousseff através da abertura de um processo de impeachment com a justificativa de um dito crime de responsabilidade que justificasse tal decisão, mas para além desse processo político precisamos compreender como esse processo de imposição de um novo modelo de governo foi realizado à revelia para com relação ao povo que o elegeu.

Um novo modelo de governo é instalado, um governo antidialógico que passa a transpor as prerrogativas adotadas nos governos Lula e Dilma, iniciando assim uma nova organização estruturada e corroborada pelo capital, como veremos no desenvolvimento deste ensaio, a prática “bancária” passou a ser instaurada em todas as áreas do governo federal.

A ação antidialógica dos governos Temer e agora Bolsonaro transformaram as relação entre a autoridade política e a massa popular, essa ação converteu-se em anestesidora, retirando a capacidade de realizar a correta análise do processo político e dos poderes envolvidos, fato esse que favorece a manipulação.

Manipulação tal que ocorreu através de um processo contínuo de subversão do sistema democrático determinante para o rompimento da normalidade institucional e que deu margem para a legitimação da abertura do impeachment, através da conjuntura mídia, judiciário e da lógica “bancária”.

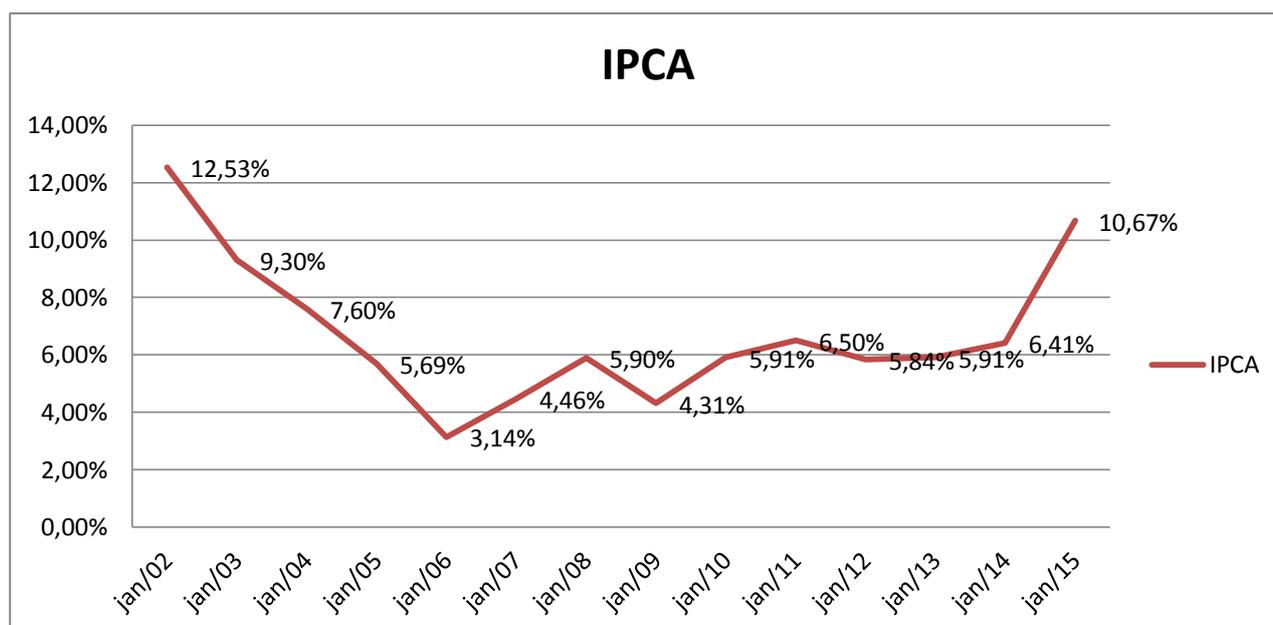
O índice de reprovação do governo Dilma Rousseff chegou aos 71% segundo a pesquisa Datafolha realizada entre os dias 4 e 5 de Agosto de 2015² fato esse que demonstra como era necessária existir uma legitimidade para o golpe e para tal processo

² Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,governo-dilma-tem-pior-reprovacao-da-serie-historica-e-atinge-71,1739107>. Último acesso em: 07/01/2020.

é preciso retirar das massas aquilo que lhe é próprio, a capacidade de ser sujeito da ação, sujeito do processo histórico.

Neste processo podemos notar um exemplo claro de como a máquina política trabalhou a favor do golpe com o exemplo da aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC 443/09) sendo ela uma emenda que fixava parâmetros para a remuneração dos advogados públicos ao STF, a medida causou impactos que chegaram à casa dos 2.4 bilhões/ano³ ao orçamento da União, este tipo de pauta, denominada “pauta-bomba” foi uma das estratégias utilizadas para frear e agravar o desenvolvimento econômico do país, uma vez que com um maior impacto nas contas da União, menor eram os recursos que o governo poderia dispor para a recuperação econômica.

Diante deste cenário, onde o Congresso manipulava “pautas-bombas”, a recessão econômica era evidenciada, podemos somar a isso o aumento do dólar e a consequente disparada da taxa de inflação, batendo a marca de 10,67% em 2015, conforme dados do IBGE.



Fonte: IBGE

³Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2015/08/entenda-o-que-sao-chamadas-pautas-bombas-que-podem-ser-votadas-pelo>>. Último acesso em: 07/01/2020.

Esta ação manipuladora afetaria diretamente a massa popular que alienada diante desta situação não fora capaz de verificar além das “situações-limite”⁴ que neste caso fazem parte da dialética do trabalhador, da família que sobrevive com o pouco que lhe é oportunizado, sendo que lhe é importante neste momento sobreviver, a luta da massa popular diante deste processo é sobreviver, resistir e com isso não é a conjuntura política e econômica que vai ser pautada, mas a renda que já não é compatível para a existência, diante disso podemos observar como é possível através de uma ação antidialógica de governo retirar do povo uma ação para além do capital.

Com isso, vamos observar um fracionamento da sociedade, para manipular é preciso fracionar, retirar da massa inclusive sua identidade, como quem introjeta nela um novo ser, indiferente a sua própria realidade, capaz de lhe retirar a identificação como classe, essa fracionamento em grupos de indivíduos faz com que agora políticas públicas antes demonstradoras de um avanço para as massas passem a ser contestadas como resultante da crise econômica e social que o país se encontra.

Divide-se a massa popular, utiliza-se de novas formas assistencialistas para a instrumentalização do processo manipulador, que ultrapassou a ação midiática do golpe e toma conta das relações sociais.

“Dividir para manter o status quo se impõe, pois, como fundamental objetivo da teoria da ação dominadora, antidialógica. Como auxiliar desta ação divisória, encontramos nela uma certa conotação messiânica, através do qual os dominadores pretendem aparecer como salvadores dos homens a quem desumanizam. No fundo, porém, o messianismo contido nesta ação não pode esconder o seu intento. O que eles querem é salvar-se a si mesmos. E salvar sua riqueza, seu poder, seu estilo de vida, com que esmagam os demais” (FREIRE, 2017, p. 196)

O golpe foi então orquestrado a partir da fragmentação da massa popular e a alimentação de seus grupos quase que como coisificados, retirando o sujeito, inculcando nesta perspectiva outro que não pertencia ao mesmo estrato social, mas alguém que deveria ser combatido, com isso, vai observar o dimensionamento neoliberal que passa a ser a principal pauta da agenda política.

⁴ Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. 63 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. Pág. 148.

Freire fala inclusive como essa ação dominadora antidialógica carrega consigo dois elementos, a divisão e o aspecto messiânico muito presente na história do Brasil onde algumas figuras são cingidas ao título de herói, o salvador, o messias e no processo golpista de 2016, a figura do judicialismo, em evidência e que passou a lançar seus tentáculos em todas as esferas de nossa sociedade, a grande centralidade deste processo messiânico.

Em contraposição ao que podemos observar na Pedagogia do Oprimido em Freire, vamos observar a ação antidialógica presente no pensamento de Roger Scruton ao procurar difamar algumas pautas política e sociais, transformando-as em instrumento de separação, de divisão, a fragmentação esperada para que em pequenos grupos possa ocorrer o controle e manutenção do poder.

“A libertação das vítimas é uma causa sem descanso, dado que novas vítimas sempre surgem no horizonte assim que as últimas escapam para o vazio. A libertação das mulheres da opressão masculina, dos animais do abuso humano, homossexuais e transexuais da “homofobia” e mesmo dos muçulmanos da “islamofobia” foi absorvida nas mais recentes agendas da esquerda, a fim de ser preservada em leis e comitês supervisionados por uma oficialidade censora. Gradualmente as velhas normas da ordem social foram marginalizadas ou mesmo penalizadas como violações dos “direitos humanos”. De fato, a causa da “libertação” viu a proliferação de mais leis do que jamais foram inventadas para suprimi-la – apenas pense no que agora se ordena em nome da “não discriminação”. (SCRUTON, 2018, p.14-15)

Evidente na fala de Scruton aquilo que é inserido como um alimento que é dado ao que apresenta fome e diante das situações em que um grupo se encontra estas palavras lhe parecem cabíveis ao ponto de assumirem falas que não são suas, retirando dele inclusive a identificação como classe.

O golpe então foi orquestrado, elaborado a partir de pautas indiferentes a massa popular que o assumiu como sendo sua realidade.

A ARQUITETURA DA DESCONFIGURAÇÃO EDUCACIONAL

Diante da desestruturação preconizada pelo capital e evidenciada no golpe de 2016, somos capazes de observar como a lógica do capital é desestruturante a ponto de carregar o individualismo para questões como a educação, a lógica desumanizadora passa a ser enraizada no ambiente educacional, e como os moldes do sujeito social neste caso lhe parecem estranhos, apenas o indivíduo aparece como representante deste modelo, incapaz de realizar uma análise do todo, olhando apenas para aquilo que lhe apraz.

Essa lógica retira não apenas do educando a capacidade de ser social e ativo, mas também do educador, uma vez que este também precisa ser educado e se não realiza a leitura do ambiente em que está inserido e da sua classe, acaba por reproduzir a lógica desestruturante do capital e com isso ser um instrumento da arquitetura da desconfiguração educacional.

Evidente que a educação deve existir para além da lógica de mercado, para além de um ideal individualista de lucro, mas para inserir o sujeito em um sentido mais amplo, libertadora da estrutura reificadora em que se encontram educador e educando.

Moldes educacionais são arquitetados para retirar primeiro do educador a sua identificação como classe, para então inserir no educando aquilo que lhe causa um estranhamento, uma educação que não está voltada para as raízes da transformação de um sujeito que pensa e age, pois educar não é transferência, mas como observado na obra de Paulo Freire vai além desse aspecto, é libertação, é alteração da ordem estabelecida, passa pela inserção do sujeito como agente, é um construir capaz de retirar as amarras do determinismo neoliberal, a busca pela emancipação humana através da educação.

A reificação educacional transforma os educandos em depósito e os educadores em transmissores, um processo que mais estaria voltado para a lógica do consumo, onde o que é consumido não é dissecado, mas apenas transmitido e reproduzido. Qual o papel da escola, se não para lutar contra a alienação e a lógica desestruturante do capital?

Estamos diante de um fenômeno em que ocorreu um avanço na velocidade em que uma informação é gerada e transmitida, em contraponto a incapacidade de interpretação dos fatos e informações que chegam ao sujeito, e uma vez que o sujeito se vê hoje fora do contexto social, mas de forma individualizada, a correta análise da informação e sua leitura a partir de um contexto social se tornam de difícil compreensão, causando estranhamentos.

É inconcebível pensar a educação fora do contexto social, mas podemos observar como esta lógica irreformável do capital anestesia o sujeito, que se vê incapaz de observar uma saída para tal ação, este cenário é trabalhado nas relações entre Estado e educação, como o próprio sucateamento educacional que procura desta forma retirar qualquer possibilidade de vislumbrar um novo formato educacional que não seja aquele que entregue o único instrumento capaz de retirar do sujeito à condição de anonimato ao capital, como podemos observar na entrevista do guru bolsonarista, Olavo de Carvalho, na qual ele diz que *“no regime capitalista a escola só parcialmente esta integrada no aparelho ideológico do Estado. A simples existência de escolas particulares assegura o pluralismo, a variedade, a liberdade. Só de maneira muito remota, problemática e, às vezes, invertida e contestatória a escola reflete, assim, a ideologia dominante. Mas certamente, uma parte das escolas desempenha esse papel, sobretudo a rede de ensino público. Ora, que fazem, diante disso, os ideólogos tipo Freytag? Assumem que essa parte é o todo, fingindo ignorar que a escola particular é justamente o inverso de um aparelho ideológico estatal e, pregando a estatização de todas as escolas, aí sim transformam todo o sistema educacional num aparelho ideológico de doutrinação e propaganda. Ou seja: acusam os outros de fazer precisamente aquilo que eles próprios pretendem fazer. O mínimo que posso dizer desse tipo de teorização é que é vigarice.”*⁵

Essa ideia de livramento educacional a partir da lógica do capital, do privado é tirânica, inconcebível, uma vez que a lógica do capital em seus fundamentos permanece incontestável e com isso retira a ação do sujeito, o agir é posto de lado e a educação passa a ser transmissão.

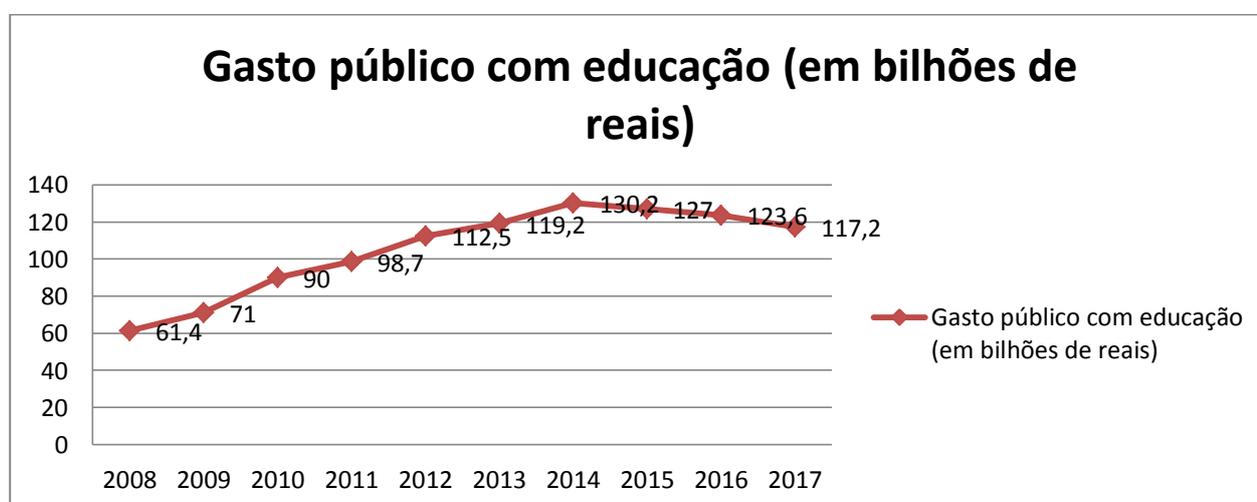
“Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significar abandonar de uma só vez,

⁵ Disponível em: olavodecarvalho.org/educacao-e-consciencia. Último acesso em: 20/01/2020.

conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente.” (MÉSZÁROS, 2008, p. 27)

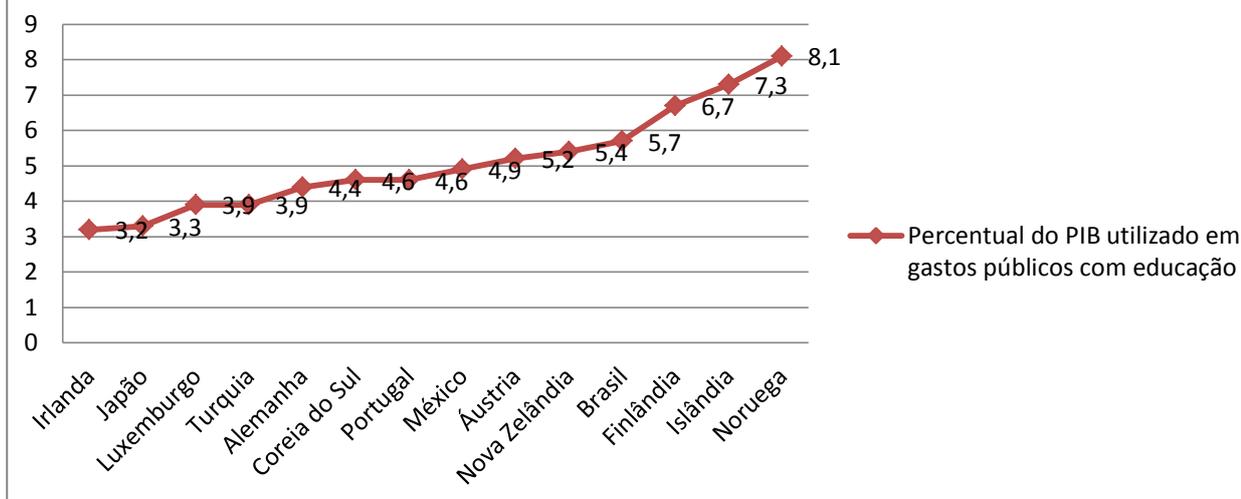
Entregar a educação ao capital como solução, propor uma reforma educacional baseando-se em questões mercadológicas nunca foi e nunca será a solução para as questões educacionais de nosso país, é preciso romper com a educação voltada para o capital e propor uma educação voltada para a transformação que rompa os muros das escolas.

Essa tentativa neoliberal de desvalorização da educação pública no país toma um formato mais abrangente no Brasil pós-golpe, o próprio sucateamento da educação faz parte deste projeto, ao ponto de se não existir mais alternativas e através da “confirmação” populacional que tanto sofre com a falta de estrutura, a pedida por um modelo privado que atenda, mesmo que minimamente aquilo que lhe é proposto, as legitimações da privatização escancarada de nossas escolas como podem verificar com a queda do gasto público com a educação em nosso país, desde o golpe de 2016, conforme dados observados abaixo.

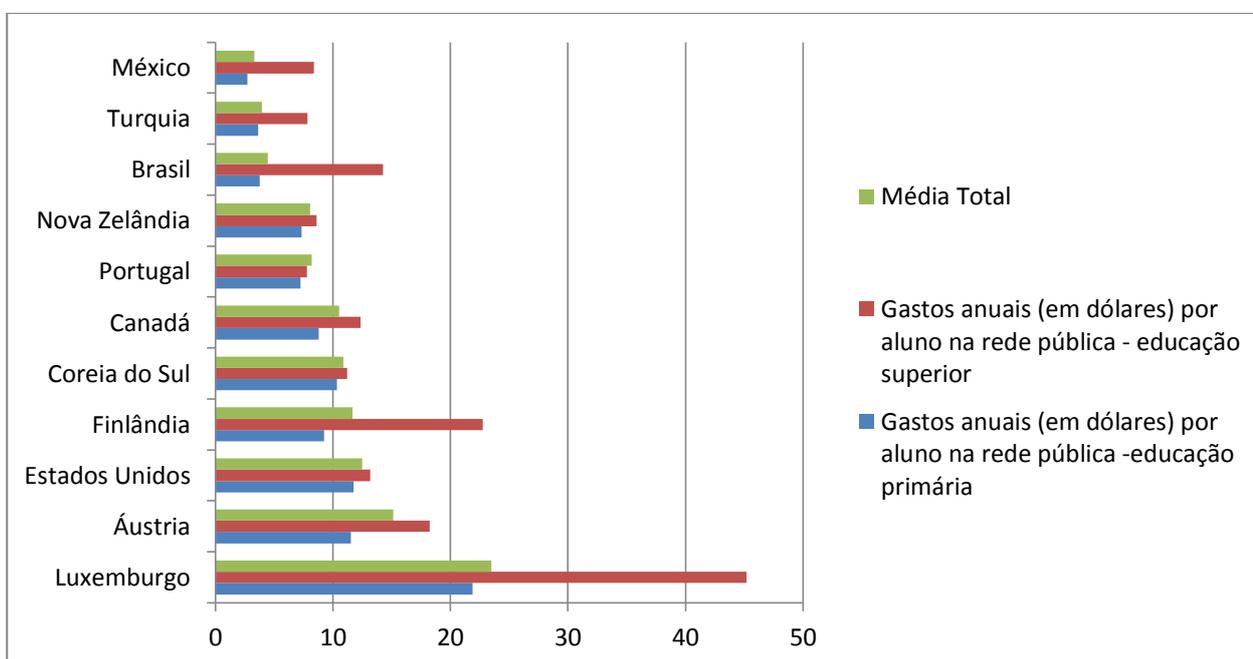


Fonte: Aspectos Fiscais da Educação no Brasil, Tesouro Nacional, 2018.

Percentual do PIB utilizado em gastos públicos com educação



Fonte: Education at a Glance - OCDE 2015



Fonte: Education at a Glance - OCDE 2015

Estes números são o retrato do país que a partir do processo de sucateamento da educação, procura em si mesmo, o próprio Estado como um processo do mercado realocar a educação para o âmbito privado, a fim de recuperar os níveis educacionais e reduzir os gastos públicos, lembrando novamente que o Estado também é parte processante desta lógica de mercado.

Sendo que entregar aquilo que deve ser um instrumento de libertação para o capital, a partir da construção imaginária de um processo de doutrinação deve ser refutado a partir de uma contraconsciência que ultrapasse as barreiras desse sectarismo de nossos tempos.

A própria ideia de se observar o ensino privado como múltiplo já é por si só uma falácia, uma vez que este conglomerado atua a partir da lógica de mercado, chamando seus alunos de “clientes”, escolas que se auto-intitulam como conservadores, não partidárias, característica essa que retira a autonomia na construção do pensamento antes mesmo de se estabelecer a relação professor e aluno. Podemos entender que esta relação deixa de ser entre professor e aluno, passando para o campo de transmissor e cliente, contrário ao que podemos observar como proposta educacional na obra de Paulo Freire, o cliente escolhe aquilo que deseja, o cliente ordena, organiza aquilo que lhe apraz, cabe ao transmissor, que neste caso é o professor entregar aquilo que o seu “cliente” deseja.

Outra característica desestruturando que podemos esmiuçar em nosso texto é o fato de que o ensino, ou processo educacional de nosso país está passando por um verdadeiro processo de reconfiguração a partir do chamado modelo de escola com base cristã, ganhando força novamente em nosso país principalmente porque muitas escolas hoje são mantidas por igrejas como a Batista, a Presbiteriana e recentemente aprovada pelo conselho da Assembleia de Deus, a sua entrada no ensino fundamental, médio e superior⁶, visando com isso uma fatia do mercado, mas para além da religião, uma fatia do controle e poder. Podemos observar que essas ideias já foram apresentadas e defendidas por pensadores como Locke (1876, p. 384-5),

“Outra vantagem de se levar as crianças a uma escola profissionalizante é que, desta forma, elas seriam obrigadas a ir à igreja todos os domingos, juntamente com os seus professores ou professoras e teriam alguma compreensão da religião; ao passo que agora, sendo criadas, em geral, no ócio e sem rédeas, elas são totalmente alheias tanto à religião e à moralidade como são para a diligência.” (apud MÉSZÁROS, 2008, p. 42)

⁶ Disponível em: noticias.gospelmais.com.br/assembleia-de-deus-criacao-escolas-faculdades-proprias-111748.html. Último acesso em: 20/01/2020.

A abordagem de Locke sobre as crianças e a sua procura por integrar escola, igreja e educadores visa aumentar o controle, utilizando a educação e a religião como instrumentos de dominação carregados de uma moralidade, a disciplina que segundo ele seria importante para acabar com comportamentos desviantes, sendo que agora este controle ultrapassaria os limites da vida escola, passando a dominar a vida privada, e que vamos esmiuçar em nosso próximo tópico.

A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO

A educação é um instrumento de libertação de todas as pessoas que podem a ela ter acesso e deve ser autônoma. Partindo do campo de produção intelectual acerca do tema, os espaços, as lacunas não contempladas pela produção acadêmica incorriam no silêncio, uma voz que não era ouvida e se ouvida era questionada, medida, verificada para buscar pesar ela e ponderar se nela incorriam valores, vozes essas que desejavam tomar o protagonismo de suas próprias histórias, serem ouvidas por suas experiências, através da sua ótica, da sua problemática, da vivência de comunidades, escolas, vivências que começaram a ter um maior espaço de propagação.

O oprimido é excluído de sua própria história e reconstruído assim através do imaginário de seu opressor, o imaginário do outro, uma vez que esta construção passa pelo conceito de poder, que está em todos os lugares e será sempre um fator relacional.

A voz silenciada deve ter consciência, compreensão das insatisfações sociais que lhe cercam e permeia o alicerce daquilo que deve ser a educação, um campo de reestruturação da ordem estabelecida por aqueles que visam à manutenção e controle do poder. Ter consciência da insatisfação é ter consciência da opressão exercida, é identificar os instrumentos de dominação, os sujeitos e suas manobras.

Diante deste cenário vamos observar como esta estrutura está marcada pelo sucateamento, visando corroborar as vozes que clamam pelo fim da estrutura educacional libertadora, conseguimos identificar com isso uma razão instrumental que serve de ferramenta para vincular a autonomia proposta por Freire à ineficiência e com isso

implementar uma servidão moderna, sem protestos, sem manifestações, sem insatisfações.

“o vínculo tão estreito entre razão e eficiência tal como se revela aqui, na verdade sempre existiu. As causas da inter-relação repousam dentro da própria estrutura básica da sociedade. O ser humano pode satisfazer suas necessidades naturais somente por meio de instâncias sociais. A utilidade é uma categoria social e a razão segue-a em todas as fases da sociedade de classes; por meio da razão o indivíduo se afirma nessa sociedade ou se adapta a ela, de forma a seguir seu caminho. Ela induz o indivíduo a subordinar-se à sociedade sempre que ele não seja forte o suficiente para transformá-la em seu próprio interesse.” (HORKHEIMER, 1941, p.366)

As estruturas sociais brasileiras foram afetadas no espaço mais íntimo, a educação, como podemos observar através dos ataques ao modelo educacional, ao patrono da educação brasileira e com isso aos professores que compõem a rede educacional de nosso país.

Partindo do entendimento deste aspecto como fator resultante do excesso da razão e fruto gerador do processo de desumanização implementado em nosso país pós-golpe de 2016, conseguimos evidenciar que para se programar uma organização política neoliberal com um viés fascista era necessário que a partir deste golpe as estruturas básicas de nossa nação fossem corrompidas, para isso era necessário ressignificar figuras importantes como Paulo Freire.

Podemos observar hoje que esta racionalidade torna o homem submisso, escravo de si mesmo, de suas tecnologias, umas razões técnicas, permissiva, frutos de um mundo sem ética, razões utilizadas para moldar, forjar uma estrutura manipuladora com um sentido, dentro do processo de dominação para além de uma indústria cultural, vão observar a criação de uma indústria educacional.

Assim como a cultura se tornou um instrumento nas mãos totalitaristas, a educação dentro de uma estrutura de dominação passa a ser instrumento dominador para aqueles que assim buscam limitar o acesso à educação e autonomia tanto do educador, quanto do educando.

A educação precisa ser libertadora, livre das amarras do mercado, mas a chave para o entendimento dessa liberdade é o medo da liberdade e como ela é um entrave para aqueles que procuram justificar o injustificável através de fanatismos embasados numa doutrina olavista mesclada com uma pitada de neopentecostalismo incrustado em sua fala, elencando com isso o poder destrutivo presente no processo de tomada de consciência.

“Penso em suas casas, em sua classe social, em sua vizinhança, em sua escola. Penso entre outras coisas mais, no testemunho que lhes deram de pensar e de como pensar. A posição do pobre, do mendigo, do negro, da mulher, do camponês, do operário, do índio neste pensar. Penso na mentalidade materialista da posse das coisas, no descaso pela decência, na fixação do prazer, no desrespeito pelas coisas do espírito, consideradas de menor ou de nenhuma valia. Adivinho o reforço deste pensar em muitos momentos da experiência escolar em que o índio continua minimizado. Registro o todopoderosismo de suas liberdades, isentas de qualquer limite, liberdades virando licenciosidade, zombando de tudo e de todos. Imagino a importância do viver fácil na escala de seus valores em que a ética maior, a que rege as relações no cotidiano das pessoas terá inexistido quase por completo. Em seu lugar, a ética do mercado, do lucro. As pessoas valendo pelo que ganham em dinheiro por mês. O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância.” (FREIRE, 2016, p. 76-77)

Podemos observar essa dicotomia opressor-oprimido latente no Brasil pós-golpe, numa convicção latente de que a necessidade por se reestabelecer a “ordem” como um projeto divino, característica essa que retira a individualidade da pessoa, retira a liberdade, liberdade de estudar, liberdade de pensar, liberdade de se ter acesso e com isso a retirada da possibilidade de se pensar de forma autônoma, essa conjuntura é formadora de uma nova característica, o medo e o embate, sem essa tomada de consciência, o entendimento de que lhe é negado a criticidade, a situação de escravo, de oprimido não será ressignificada.

O medo é o medo da liberdade, criado pelo opressor, um medo que retira do sujeito a possibilidade e a força para lutar por um pensamento libertador em convergência com o embate criado pelo opressor e legitimado pelo oprimido, como quem luta para manter aquele que lhe retira a liberdade.

Essa nova ordem estabelecida pela conjuntura do Brasil pós-golpe de 16 é formada pela estruturação de um medo controlador e que não retira apenas a liberdade do oprimido, mas também do opressor, uma vez que dele também é retirado da capacidade de pensar, de olhar, a sensibilidade de se verificar e realizar a real leitura da sociedade.

Esta nova ordem social estabelecida no Brasil é fonte geradora do desalento, da desesperança e da morte nutrida por uma espécie de maniqueísmo e que constitui e cria uma imagem da esquerda como a legião que deve ser combatida, para que se permaneça essa ordem precisa ser geradora de uma falsa generosidade, uma crença de que ela é a única capaz de libertar o país dos tentáculos do leviatã.

Será que existe consciência nos opressores? Quando pensamos na falta de consciência dos oprimidos, também devemos verificar se existe consciência em seu opressor, uma vez que hoje a reprodução quase que automática de “conceitos” olavistas e outras distorções sociais parecem desassociadas da realidade, uma aderência de conceitos que antes eram refutados passam a fazer parte da relação do opressor com sua realidade e retransmitidos aos oprimidos, podendo gerar novas aderências e retransmissões de distorções por parte dos oprimidos, temos como um exemplo clássico e que ocorre no país mesmo antes do golpe a ideia de uma consciência humana, comumente propagada no dia da consciência negra, soa bonito, palavras simples, contexto de fácil adesão por parte de opressores e oprimidos e com isso a propagação de termos distorcidos podem ocorrer inclusive por aqueles que deveriam verificar sua real situação como sujeita. Seria esse o medo da liberdade citado por Freire?

“Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência ‘hospedeira’ da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos

oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores” (FREIRE, 2017, p.46)

Constituindo como observado no capítulo anterior como os aspectos da moralidade, sendo neste caso elementos construídos sob a égide de uma moral evangélica que consome o Estado a partir de uma lógica de mercado e tomando-o para si o separa para que possa atuar a partir dos que compactuam ou não com a chamada “ordem” estabelecida, nisto podemos observar como a relação opressor-oprimido é geradora de uma linguagem justificadora em nome de uma luta que visa libertar o país das mãos do comunismo, criam-se personagens, criam-se estereótipos, criam-se situações inexistentes, cria-se o inimigo.

Como então quebrar esta realidade? Como romper as correntes formadoras de uma “racionalização” que destitui a realidade, que relativiza o fato em defesa de um mito criado para oprimir? Questionamentos estes que passam pela dificuldade que massas tem de se inserir na “realidade”, de se identificar como sujeito e classe.

Lukács apresenta a proposta de se dar à explicação às massas de sua própria ação, o que ele chama de “inserção crítica”⁷, numa tentativa de gerar uma consciência fora da experiência em si, uma vez que a realidade está adulterada, uma realidade míope. A tentativa de um revisionismo histórico, de uma distorção das relações sociais a partir de uma lógica do capital, de um liberalismo incorrigível e apresentado aqui pelo guru e astrólogo Olavo de Carvalho, tem como base o escritor Roger Scruton.

“A maior tarefa da direita, portanto, é resgatar a linguagem da política: recolocar em nosso poder o que foi forçosamente removido pelo jargão. É somente quando reencontrarmos a linguagem que nos é natural que podemos responder às grandes acusações constantemente feitas a nosso mundo pela esquerda. [...] Duas acusações contra nossa herança política se alojam nos cérebros que examinei neste livro: primeira, que a sociedade ‘capitalista’ é baseada no poder e na dominação; segunda, que ‘capitalismo’ significa ‘mercadorização’, redução de pessoas a coisas e

⁷ Ele deve, nas palavras de Marx, explicar às massas a sua própria ação, não só para assegurar a continuidade das experiências revolucionárias do proletariado, mas também para ativar conscientemente o desenvolvimento posterior dessas experiências. György Lukács, Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento. 1970. P. 62.

fetichização de coisas como agentes. [...] O ‘capitalismo’ é, na maioria de seus usos, um termo da novíngua. Ele sugere uma teoria abrangente para explicar nossa sociedade e uma estratégia para substituí-la. Mas não há tal teoria nem estratégia. Sabe disso a partir de uma simples observação, ou seja, que, após todas as transformações sociais, por mais fundamentais que tenham sido, após todas as adaptações, adquiridas com qualquer nível de esforço e qualquer que tenha sido o custo, o termo ‘capitalismo’ ainda emerge como descrição do resultado. Isso é verdade até mesmo para o Estado que resultou da revolução comunista na Rússia, descrito como ‘capitalista’ pelas pensadores da Escola de Frankfurt. O crescimento do Estado de Bem-estar social, a expansão da propriedade residencial, a mobilidade social cada vez maior, a evolução das cooperativas, do emprego autônomo e das ações abertas – nenhuma das maneiras pelas quais a sociedade evoluiu desde Marx ou se adaptou às necessidades de seus membros relaxou o punho dessa potente palavra que, por se aplicar a tudo, nada diz.” (SCRUTON, 2018, p. 375-376)

Diante deste fato e desta tentativa de se recuperar o que foi perdido pelo “jargão” como o próprio Scruton cita, podemos notar alguns fatores importantes, como a reprodução sociometabólica do capital, ou seja, o entendimento de que o capital está inserido em todas as áreas das atividades humanas e não apenas no aspecto material, mas também em outros aspectos como o cultural, apresentam uma crise estrutural e com isso a busca por uma resignificação não apenas da palavra capital, mas na tentativa de revisionista de se refazer a história.

“Capitalismo e democracia são negação antiéticas, pensa: não existe sociedade do capital na qual não se atribui às riquezas um acesso privilegiado ao poder. A regra do mercado define a forma política democrática e não o contrário, de modo que a democracia se encontra subsumida pelo mercado. Mas se esgarçarmos o conceito de democracia, diz Wood, chegaremos a uma definição mais ou menos próxima daquilo que usualmente a teoria contemporânea da democracia chama de democracia: trata-se de constitucionalismo, de proteção das liberdades civis e de limitar a intervenção dita irregular do Estado. Tudo isso comprova que o Estado, o direito e as regras das classes proprietárias

estão plenamente conformados nesta visão de democracia. O problema, então, é: onde fica o povo, o poder popular nesta noção contemporânea? Na verdade, a distinção do poder entre classes e as próprias classes sociais acabam por desaparecer desta noção. Enquanto na democracia do mundo antigo, e em quaisquer outras formas pré-capitalistas, a exploração sobre o trabalho alheio era sustentada por meios extra-econômicos: ou seja, exercida por uma supremacia militar, jurídica e política das classes exploradoras. Nestes casos, a vida basicamente agrária dos trabalhadores explorados ainda lhe garantia a posse dos meios de produção, que era basicamente a terra. Essa é a característica específica do camponês: ele não é somente um trabalhador da terra, mas um proprietário dos seus meios de produção. Esta época também implicava numa divisão mais ou menos clara entre classe dirigente e classe trabalhadora. Na democracia ateniense, por exemplo, os camponeses e outros produtores cidadãos livres participam da democracia, limitando de alguma forma a força política das classes dirigentes. Mas com a chegada do capitalismo, a capacidade de exploração de uma classe dirigente não depende mais de um aparato político ou jurídico, nem de uma servidão consuetudinária, mas de uma força estritamente econômica dada a propriedade privada dos meios de produção. Todo o aparato político e jurídico agora é desligado da função produtiva diretamente e se subordinam à economia” (ALVARENGA e REZENDE, 2019, p. 219-220)

PAULO FREIRE ESSENCIAL

Paulo Freire, nascido em Recife, Pernambuco, em 1921, foi um educador e criador de um método de alfabetização inovador, pois alterava as relações entre o sujeito como receptor, como objetivo – dentro de uma lógica mercadológica – para um agente, também detentor de conhecimento que deveria ser utilizado para a sua formação educacional.

Pensar a educação sob a ótica e metodologia de Freire é tencionar para além da carteira escolar, para além da lousa e do giz, a educação deve ser contempladora de toda uma gama de fatores que englobam não apenas o universo escolar em si, mas a sua inserção naquela comunidade, o ser humano que ali é agora um participante – e não

apenas um receptor – deve ser visto também com sua gama de valores, histórias e conhecimentos, que podem e devem servir como base de seu ensino – o educador que não pode ser um transmissor, como na concepção bancária trabalhada por Freire, mas a educação freireana busca nestes fatores construir sua escada para o novo.

A UNESCO apontou os quatro pilares da educação como sendo o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser⁸ e podemos perceber que os pilares educacionais não fogem da proposta apresentada por Paulo Freire, com um adendo, na filosofia da educação em Freire, podemos pensar também o motivo e a razão da educação e de se estudar, uma vez que este sujeito é um ser social inseridas num contexto de relações que podem ser alienantes, escravizadoras ou até mesmo opressoras e como superar estas relações.

“Onde se encontra o educador no discurso científico sobre a educação, especialmente aquele das ciências sociais? Ah! Descobriu-se que a educação, como tudo o mais, tem a ver com instituições, classes, grandes unidades estruturais que funcionam como se fossem coisas, regidas por leis e totalmente independentes dos sujeitos envolvidos. E daí chegamos a esta posição paradoxal em que, para se conhecer o mundo humano, é necessário um ‘anti-humanismo’ metodológico. A realidade não se move por intenções, desejos, tristezas e esperanças. A interioridade foi engolida. Sobre este ponto concordam as mais variadas correntes científicas. O mundo humano é o mundo das estruturas e seu determinismo. E para que as estruturas se revelem é necessário que se lhes arranque a crosta de pessoas que as cobrem, da mesma forma como se recupera uma peça arqueológica há muito submersa, pela raspagem do limo e do todo que sobre ela se depositaram. É justo que nos preocupemos com pessoas, mestres e aprendizes. Mas não é neste nível que se encontram as explicações, a ciência do real. Reprodução. Aparelho ideológico de Estado. Aqui está a marca do nosso discurso sociológico, reflexo de uma realidade política e institucional: a autonomia das instituições.” (ALVES, 1993, p. 17)

A educação de Freire visa identificar a emergência daqueles que estão à margem da sociedade, retirar o caráter desumanizador que o sistema impõe àqueles que são

⁸ Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Último acesso em: 19/01/2020.

considerados objetos para o capital, este é o caráter revolucionário que podemos identificar em sua estrutura.

O caráter transformador deste sistema é apresentado a partir do entendimento de que o homem é um ser curioso por natureza, mas ao mesmo tempo incompleto essas características mostram que não sabemos tudo, mas existe uma vontade em nós, uma “fome da mente, ou fome da cabeça”, ao mesmo tempo em que nossa incompletude só pode ser superada a partir do convívio, é com o outro que podemos aprender com o outro que é possível realizar as trocas necessárias para a produção do conhecimento, ao educador cabe identificar o eu no outro.

“Se as estruturas econômicas, na verdade, me dominam de maneira tão senhorial, se, moldando meu pensar, me fazem objeto dócil de sua força, como explicar a luta política, mas, sobretudo, como fazê-la e em nome de quê? Para mim, em nome da ética, obviamente, não da ética do mercado, mas da ética universal do ser humano, para mim, em nome da necessária transformação da sociedade de que decorra a superação das injustiças desumanizantes. E tudo isso porque, condicionando pelas estruturas econômicas, não sou, porém, por elas determinado. Se não é possível desconhecer, de um lado, que é nas condições materiais da sociedade que se gestam a luta e as transformações políticas, não é possível, de outro, negar a importância fundamental da subjetividade na história. Nem a subjetividade faz, todopoderosamente, a objetividade, nem esta perfila, inapelavelmente, a subjetividade. Para mim, não é possível falar de subjetividade a não ser se compreendida em sua dialética relação com a objetividade. Não há subjetividade na hipertrofia que a torna como fazedora da objetividade nem tampouco na minimização que a entende como puro reflexo da objetividade. É neste sentido que só falo em subjetividade entre os seres que, inacabados, se tornaram capazes de saber-se inacabados, entre os seres que se fizeram aptos de ir mais além da determinação, reduzida, assim a condicionamento e que, assumindo-se como objetos, porque condicionados, puderam arriscar-se como sujeitos, porque não determinados.” (FREIRE, 2016, p. 65-66)

O ser também não está jogado, solto no mundo, mas todo ser é um ser social e como sujeito ele acaba por criar o seu aprendizado, a sua leitura pode não ser das letras,

mas a leitura do contexto em que se vive do seu espaço, da opressão, do mundo, essa leitura está aberta e presente em todos, cabendo a educação o papel de romper as limitações impostas pela lógica opressora do capital, mas com isso não buscamos aqui evocar a pedagogia freireana como uma pedagogia para o terceiro mundo ou apenas para uma parcela da população, mas a pedagogia para o todo, uma totalidade que faz com que nossa compreensão de mundo possa ser ampliada para os processos e relações entre opressor e oprimido que não ocorrem com exclusividade apenas em uma parte do Brasil, mas é um fator histórico e predominante nas relações sociais, não devemos com isso limitá-lo a um determinado recorte tempo/espaço.

Nossas questões iniciais sobre o papel da educação e seu caráter libertador tomam corpo com o ensinamento de Freire, identificando o desprendimento como um caráter importante e necessário para sua metodologia e papel transformador na relação educador/educando.

Hoje o Instituto Paulo Freire constitui-se numa rede ampliada que possui membros em mais de 90 países em todos os continentes, visando levar adiante o legado deste filósofo.⁹

CONCLUSÃO

Paulo Freire foi um pensador, educador e filósofo de grande excelência, sua metodologia integrou educador e educando a partir da identificação como ser social, agentes da história, quebrando os paradigmas impostos pela lógica opressora do capital.

Foi declarado patrono da educação brasileira em 2012, pela lei 12.612, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, devendo ser reverenciado como um educador para além das ideias, para além da teoria, um educador que visava à transformação.

A partir da metodologia freireana os sujeitos agora identificados podem compreender o contexto histórico em que está inserida, uma educação que apresenta em primeiro lugar o aspecto da identificação, questionadora e por isso mesmo pensada por

⁹ Disponível em: <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>. Último acesso em: 20/01/2020.

aqueles que estão no poder como uma educação perigosa e subversiva, mas toda educação que transforma, pois tem o poder de realizar a leitura do mundo.

A educação, portanto não é um ato político em si só, mas um ato de libertação, um ato de integralidade entre sujeito e o tempo/espaço, uma educação que não deve ter um sentido mercadológico, uma educação que não deve ser voltada para disciplinadora, no sentido de retirar a autonomia do educando, mas uma educação participativa, incorporando o indivíduo em sua totalidade.

Nosso esforço com este trabalho propôs-se a trabalhar a temática da história do tempo presente, a partir das transformações decorrentes e tencionadas no Brasil atual.

Viva Paulo Freire.

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, André Luís de Souza; REZENDE, Claudinei Cássio de. Hannah Arendt e o diabólico Maquiavel. Projeto História, São Paulo, v. 65, pp. 203-249, Mai.-Ago., 2019.

ALVES, Rubens. Conversas com quem gosta de ensinar. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 63 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LOSURDO, Domenico. Guerra e revolução: o mundo um século após outubro de 1917. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

LUKÁCS, György. Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. Filosofia, ideologia e ciência social. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

PAULO FREIRE CONTEMPORÂNEO. Direção Toni Venturi. Olhar Imaginário, 2007.

RIGONATO, Gustavo. Desempenho macroeconômico do governo Dilma Rousseff (2011-2016). Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Limeira, SP: [s.n.], 2016.

SCRUTON, Roger. Tolos, Fraudes e Militantes: pensadores da Nova Esquerda. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

THOUREAU, Henry David. Desobediência civil. São Paulo: EDIPRO, 2016.

CHAGAS, Tiago. Assembleia de Deus aprova a criação de escolas e faculdades próprias. Disponível em: noticias.gospelmais.com.br/assembleia-de-deus-criacao-escolas-faculdades-proprias-111748.html. Último acesso em: 20/01/2020.

EDUCAÇÃO e consciência. Olavo de Carvalho Website Oficial. Jul. de 1999. Disponível em: olavodecarvalho.org/educacao-e-consciencia. Último acesso em: 20/01/2020.

ENTENDA o que são as chamadas “pautas-bombas” do Congresso Nacional. Portal EBC, Brasília, 11 de ago. de 2015. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2015/08/entenda-o-que-sao-chamadas-pautas-bombas-que-podem-ser-votadas-pelo>>. Último acesso em: 07/01/2020.

GOVERNO Dilma tem pior reprovação da série histórica e atinge 71%. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 de ago. de 2015. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,governo-dilma-tem-pior-reprovacao-da-serie-historica-e-atinge-71,1739107>. Último acesso em: 07 de jan. de 2020.

UNESCO. Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century (highlights). Paris: UNESCO, 1996.